



## **EDUCAÇÃO NÃO FORMAL, O QUE É E COMO SE LOCALIZA NO CAMPO DA CULTURA: LENDO STUART HALL SOB O OLHAR DE NORBERT ELIAS**

**Paulo Roberto Pergentino das Candeias<sup>1</sup>;**  
**Orientador: Edílson Fernandes de Souza<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Mestrando em Educação na linha de Teoria e História da Educação/UFPE; <sup>2</sup>Docente do Núcleo de Pós-graduação em Teoria e História da Educação/UFPE.  
prpcandeias@gmail.com

### **Resumo:**

O presente trabalho tem como objetivo analisar o pensamento e a teoria do sociólogo Jamaicano Stuart Hall, no que se refere à expansão cultural, especificamente no texto: “A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo”. Trata-se, portanto, de um estudo de revisão bibliográfica. Desse modo, faremos uma tentativa de aproximação entre o pensamento do autor e nosso objeto de estudo – a educação não formal. Em primeiro momento tentaremos compreender o conceito de cultura e sua expansão em Stuart Hall (1997); em seguida, trabalharemos o que é cultura para o sociólogo alemão Norbert Elias (2011). Finalmente, tentaremos discutir a educação não formal e sua localização no campo cultural a partir das contribuições de Gohn (2015). Ressaltamos que não faremos nosso diálogo em seções, no entanto, a metodologia, bem como as análises e discussões, estão contidas no texto. Podemos, portanto, mesmo que de forma precoce, assumir que o componente “cultura” se manifesta nas práticas cotidianas, o que é de conhecimento das potências hegemônicas. Assim, algumas formas de regulação tentam dar forma, direção e propósito à conduta e à prática humana; guiando nossas ações físicas conforme certos propósitos, fins e intenções; o que conseqüentemente torna nossas ações inteligíveis para os outros, idem previsíveis, regulares; o que tem como finalidade a criação de um mundo ordenado — no qual cada ação está restrita aos significados e valores de uma cultura comum a todos.

**Palavras chaves:** cultura, educação não formal, cultura e educação.

### **INTRODUÇÃO**



Para iniciarmos nossa discussão, tentaremos entender como a cultura se apresenta nos escritos de Hall e de Elias. Parece-nos que a cultura sempre teve destaque entre os grandes estudiosos nas ciências humanas e sociais, vejamos a passagem em Hall (1997):

Em certo sentido, a cultura sempre foi importante. As ciências humanas e sociais há muito reconhecem isso. Nas humanidades, o estudo das linguagens, a literatura, as artes, as idéias filosóficas, os sistemas de crença morais e religiosos, constituíram o conteúdo fundamental, embora a idéia de que tudo isso compusesse um conjunto diferenciado de significados - uma cultura - não foi uma idéia tão comum como poderíamos supor. (HALL, 1997. Pág. 2).

Entendemos que a vertente trazida por Hal sobre cultura está diretamente atrelada a contemporaneidade, tendo em vista que em sua fala podemos observar a ênfase dada à cultura e ao processo de expansão desta no século XX. Ainda assim achamos por bem convidarmos o sociólogo alemão Norbert Elias para o “debate”. Elias, em sua obra “O Processo civilizador” (2011), alerta-nos que a cultura exige sacrifícios dos indivíduos, sobretudo, nas esferas do sexo e da agressividade. Os estudos de Elias (2011), que reverberam na teoria eliasiana, nos fazem refletir sobre o que Hall chama de comportamento social. O autor explica que esse - o comportamento social - é quem dá sentido às nossas ações. Elias, por sua vez, chama algumas ações sociais de “condicionamentos e modelações” (ELIAS, 2011. Pág 90-91), fazendo-nos entender que estes refletem diretamente a construção do sujeito.

Mas, segundo Hall (1997), a cultura contemporânea não mais se atrela a princípios, talvez esteja mais interfaceada aos “valores” - não sendo esse substantivo ético - impossibilitando sua comparação com outros momentos históricos.

Nossa tentativa nesse primeiro momento foi apenas de exemplificar as aproximações e ou distanciamentos dos teóricos sobre o conceito de cultura. Concentraremos-nos, a partir de agora, nas considerações sobre a obra e na sua importância para o entendimento da globalização da cultura.

Não obstante ao debate estabelecido, gostaríamos de comentar as reflexões de Hal sobre a midi; sendo esta entendida como prevalente na difusão da comunicação/imposição aos emergentes, que tem como finalidade a fragilização nos espaços/nações de menor poder. Nesse sentido, parece-nos que fica nítida a tentativa de uma espécie de controle da “cultura” mundial, o que nos remete aos estudos de Souza (2010) quando este fala sobre as práticas de repressão e controle aos negros livres no estado no Rio de Janeiro. Este estudo nos mostra que, de alguma forma, no recorte observado, o que se pretendia era fazer com que esses indivíduos abandonassem sua cultura na diáspora; estabelecendo proibições de suas práticas e crenças, vejamos:



Se de um lado as práticas dos batuques de batuques significavam para as etnias negras a sua auto-imagem, para os europeus esses mesmos batuques eram ajuntamentos de negros escravos ou pretos livres e, por essa razão, deveriam ser banidos do convívio social, para evitar os incômodos dos falatórios e cantorias. (SOUZA, 2010. Pág. 32).

Podemos observar conforme exposto por Souza, que existia uma tentativa de controlar as ações sociais de um determinado grupo em detrimento de outro, o que em nosso entendimento, de alguma forma, pode ser interpretada a luz das considerações de Hall (1997); tendo em vista que tais são consideradas como atitudes culturais conservadoras e, na contemporaneidade, pode ser interpretada como “retrocesso causado pela disseminação da diversidade efetuada pelas forças da globalização cultural” (HALL, 1997. Pág. 20).

## **A GLOBALIZAÇÃO DA CULTURA**

Dessarte, podemos pensar um pouco na cultura, na globalização cultural e nas relações de ambas com a sociedade. Burke (2008) nos mostra que um dos maiores estudos sobre o tema foi realizado por Edward Thompson, que em sua pesquisa, em 1963, analisa não apenas as mudanças políticas, sociais e econômicas da classe operária inglesa, mas também as mudanças culturais. Esse estudo, segundo Burke, mostra as transformações culturais dos operários ingleses da época, como por exemplo a iniciação dos artesãos, a importância das feiras livres para “a vida cultural” dos mais pobres, dentre outras.

Refletido sobre nossa fala até o presente momento, podemos assumir que Hall, com seus estudos, parece atender as inquietações na contemporaneidade sobre o que podemos chamar de “cambiamento” da cultura. Pensamos, dessa forma, tendo em vista os esforços que seus estudos fazem para interpretar o que marxistas chamam de “mercadoria”, do ponto de vista cultural, e sua interferência na mídia - publicidade e televisão. No entanto, uma das principais críticas estabelecidas pelos marxistas, no que se refere aos estudiosos da cultura e da história cultural, segundo Burke (2008), seria o fato de que alguns ignoram os conflitos em detrimento da homogeneidade cultural.

Sobre a tentativa de homogeneização cultural, alguns teóricos da história cultural, como Burke, argumentam que a tendência em direção a uma maior dependência global pode levar à “destruição” das culturas mais fortes, e estas acabam por se fragilizar; produzindo uma espécie de fragmentação na diferença e no pluralismo cultural. O que nos faz pensar que: quanto mais a mídia



influencia as culturas, mais as identidades se tornam desvinculadas; permitindo, portanto, discursos paralelos que nada mais são do que discursos do consumismo global.

## A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E A CULTURA

Concordamos com Brandão (2013), quando o mesmo nos ensina que não há apenas uma educação e sim educações. O autor em tela nos alerta ainda: “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor”. (BRANDÃO, 2013 Pág. 9). Refletindo ainda sobre as considerações de Brandão, vejamos o que nos diz Gohn sobre a educação não formal:

“A concepção que adoto de educação não formal parte do suposto de que a educação propriamente dita é um conjunto, uma somatória que inclui a articulação entre educação formal, aquela recebida na escola; e a educação informal, aquela que os indivíduos assimilam pela família, pelo local aonde nascem [...]; e a educação não formal que tem um campo próprio pode se articular com as duas anteriores ” (GOHN 2015, Pág. 15-16).

Podemos observar nas considerações de Gohn, que existem diferenças; segundo ela entre educação informal e educação não formal, ressaltamos essa passagem tendo em vista que as duas – educação não formal e educação informal – são interpretadas como sinônimo para muitos.

Diante do que Gohn nos ensina, podemos afirmar que a educação não formal engloba saberes e aprendizados que muitas vezes são perpassados ao longo da vida. Nesse sentido a influência da cultura e seus processos na educação são inegáveis. Thompson (1984) apud Gohn (2015, Pág. 18) atenta-nos para as possíveis reflexões sobre o processo de aprendizagem através da cultura, ou seja, a cultura é construída e reconstruída no fazer humano. Vejamos o que diz Hall (1997) sobre a educação:

Mas o que é a educação senão o processo através do qual a sociedade incute normas, padrões e valores — em resumo, a “cultura” — na geração seguinte na esperança e expectativa de que, desta forma, guiará, canalizará, influenciará e moldará as ações e as crenças das gerações futuras conforme os valores e normas de seus pais [...]. (HALL, 1997, Pág. 40).

A educação; segundo Hall, é na verdade um mecanismo de controle mesmo se tratando de sua relação com a cultura. Gohn (2015), de certa forma, concorda com Hall; quando a mesma afirma que sempre há intencionalidade nos processos educacionais mesmo em se tratando da flexibilidade do processo na educação não formal, Gohn (2015) nos alerta ainda: não se trata de substituição da educação formal, nesse sentido a educação não formal poderá inclusive



complementar a última, pois, podem se articular com programações específicas; articulando escola e comunidade.

Quando requisitada, a educação não formal articula processo criativo através de sua flexibilidade o que proporciona uma espécie de diversidade de práticas, valores e experiências, a educação não formal, conforme observamos, pode acontecer em diversos espaços inclusive no meio urbano ou rural.

No mundo atual capitalista, os indivíduos são sempre estimulados a produzirem mais e cada vez mais rápido; estando centrados sempre na busca de resultados, o que faz com que muitas vezes os indivíduos estabeleçam “modelos”; produzindo, desta forma, saberes superficiais que muitas vezes são influências externas na nossa cultura, ou seja, a imposição e/ou tentativa de fragilização da cultura de base ou local. Hall (1997) nos mostra que na maioria das vezes esta acontece por meio da mídia. Tal intervenção é detentora de muita influência. Muitos indivíduos entram em contato com alguns processos através da mídia que nunca experimentaram antes, assim sendo, é impossível que este indivíduo não reflita sobre o que ouve e o que vê; formando assim opiniões sobre estes que colocados diante das lentes da ciência pode ser direcionada a “modelagem” citada por Elias (2011).

É importante assumir que as demandas sociais são, por vezes, transformadas em papéis sociais e estes são desempenhados sob forte influência de outras culturas; talvez ligadas a mecanismos de controle, auto-controle, e moralidade que se transformam em exigências sociais. Podemos citar, por exemplo, como bem nos alerta Hal (1997), o controle dos canais de televisão, que apenas divulgam o que entendem como necessário ao conhecimento do cidadão; sendo as condutas destes atreladas a economia, ao mercado e, por vezes, ao controle do estado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O componente cultural se manifesta nas práticas cotidianas o que de conhecimento das potências hegemônicas do capital que são exaustivamente trabalhadas pelos amigos marxistas, a regulação normativa faz é dar uma forma, direção e propósito à conduta e à prática humanas; guiar nossas ações físicas conforme certos propósitos, fins e intenções; tornar nossas ações inteligíveis para os outros, previsíveis, regulares; criar um mundo ordenado — no qual cada ação está inscrita nos significados e valores de uma cultura comum a todos.

Naturalmente, a regulação tentada, com frequência, é sempre uma espécie de separação, de outra forma, não haveria qualquer mudança e o mundo repetiria a si mesmo simples e infinitamente.



Por outro lado, os mundos sociais entrariam inevitavelmente em destruição se as práticas sociais fossem inteiramente aleatórias e sem significado, se não houvesse intencionalidades mediadas por conceitos, valores e normas comuns a todos - regras e convenções a cerca de como fazer as coisas, de como as coisas são feitas nesta ou naquela cultura. É por esse motivo que as fronteiras da produção cultural são um instrumento tão poderoso na incessante tentativa de definir quem domina a quem. No entanto, as práticas de controle, autocontrole e moralidade também são exaustivamente promulgadas pelas culturas dominantes; sobretudo através dos meios midiáticos. A cultura, por sua vez, sempre foi objetivada como mecanismo de controle, pois é através dela - seja qual for - que o indivíduo se apresenta para o mundo. Ficamos, portanto, seguros de que a cultura está diretamente ligada à educação não formal; tendo em vista que estas são interdependentes coletivamente em vários espaços; sendo, na maioria das vezes, mediada pelo poder do gesto e da fala.

O que tentamos fazer nesse artigo foi de alguma forma dialogar com o texto do sociólogo Stuart Hall, na perspectiva de outros olhares, bem como a partir de outras “lentes”; na tentativa de aproximar o autor do nosso objeto de estudo que é a educação não formal.

## REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, 1997.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador 1: uma história dos costumes**. 2 ed. Rio de Janeiro. Zahar, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal no campo das artes**. Cortez Editora, 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 57. ed. São Paulo: Brasiliense, 2013.

SOUZA, Edilson Fernandes. **Entre o fogo e o vento: as práticas de batuques e o controle das emoções**. 3. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.